

**O MILITARISMO PELO MUNDO: SOCIALISMO OU BARBÁRIE!**

I MARIA LUCIA

Nas últimas semanas, Trump exigiu que as empresas bélicas dos EUA aumentassem ainda mais armas para a guerra contra o Irã. A Europa e o Japão estão se rearmando, inclusive em projetos nucleares. A guerra na Ucrânia prossegue e centenas de conflitos militares se desenvolvem pelo mundo. Os gastos com "Defesa" já são maiores que os da 2ª Guerra Imperialista Mundial.

Através desse tipo de política fica evidente como o militarismo é acionado para ampliar a produção industrial bélica e aumentar os lucros dos capitalistas, orientados para uma política da carnificina coletiva.

Rosa Luxemburgo, apesar dos erros cometidos em sua análise, corretamente analisou o papel do Estado ao demandar produção bélica de empresas privadas, pagando essa produção com os impostos que extrai da classe trabalhadora.

O militarismo leva a cortes nos serviços públicos e aumento nos impostos, sobretudo aqueles que recaem sobre os trabalhadores, para financiar a máquina de guerra. Assim, o sistema capitalista em crise mantém a reprodução do capital, às custas da destruição das condições de vida e da própria vida dos trabalhadores. Lenin analisou que a concentração e centralização de capital leva à formação dos monopólios que, tendo dominado todo o mercado interno, partem para a exploração colonial e semicolonial de outros mercados. Esse processo se dá pela violência, por isso, ele considera que o imperialismo é a reação em toda a linha.

Ver o mundo como Rosa e Lenin viram, é entender que não há a possibilidade de um caminho "pacífico" sob o capitalismo. Cada vez mais os líderes dos Estados, balcões de negócios da

burguesia, enxergam que a prioridade é gastar com armamentos e melhorias na "segurança", ao invés de se preocupar com serviços públicos para todos, investimentos qualitativos para a população e entre outros aspectos que de fato visem a melhoria das condições de vida da classe trabalhadora, de quem realmente faz todas as engrenagens girarem.

As máscaras democráticas do imperialismo caem. Revoluções estão acontecendo no mundo inteiro, a juventude trabalhadora indo atrás dos seus direitos e do seu futuro. Nessa luta, a JCI aponta "Socialismo ou Barbárie", assim como ensinaram Marx, Engels, Lenin, Trotsky e Rosa.

- **Fora o imperialismo e suas guerras!**
- **Socialismo ou Barbárie!**

**RELATO DE UM PAPO-RETO NA TIJUCA-RJ**

I FLÁVIO REIS

Perto do metrô São Cristóvão, na Tijuca, montamos uma banquinha para difundir o Boletim Espártaco em meio a correria de estudantes de escola técnica e faculdade e trabalhadores de Call Centers. Trocamos ideias com os jovens sobre o Encontro Nacional "Fora o Imperialismo e Suas Guerras" e as reivindicações ao final da convocatória: Anulação da dívida interna e externa pra garantir mais dinheiro para a saúde, educação e todos os serviços públicos; E ainda como acabar com a escala 6x1 e reduzir a jornada para 30 horas semanais, sem mexer no salário de ninguém.

Mandamos a real: o capitalismo conecta as pessoas no mundo todo, mas é na base da exploração da força de trabalho que as riquezas são produzidas, enquanto as multinacionais lucram. No Encontro, vamos conversar mais sobre como unir estudante e trabalhador para lutar pelo agora e pelo futuro. Participe você também!

**ESPÁRTACO**

BOLETIM NACIONAL DA JUVENTUDE COMUNISTA INTERNACIONALISTA

**ESTAMOS AQUI PELA HUMANIDADE!  
ABAIXO AS GUERRAS IMPERIALISTAS!****I EDITORIAL**

O imperialismo é o capitalismo na fase do domínio do capital financeiro e sua oligarquia, dos monopólios em um grau nunca antes visto com suas associações internacionais, da exportação de capitais, o rentismo das parasitárias burguesias, e da partilha do mundo pelas potências capitalistas. Tal definição nos demonstra, como explicou Lênin, que as guerras são inevitáveis e indissociáveis do atual estágio do modo de produção capitalista.

Como marxistas, entendemos que esse domínio e controle do mundo pelas burguesias avançadas não é fruto de uma mera perversidade, uma maldade subjetiva. Pelo contrário, as tragédias, as terras arrasadas, o genocídio e os elementos de barbárie são resultados da concentração de riqueza em um punhado de mãos. Essa condição, intrínseca ao capitalismo em crise, leva os Estados e suas burguesias imperialistas a buscar seus lucros até a última gota de sangue do proletariado necessária.

Isso significa a transformação de todo o desenvolvimento científico e técnico que a humanidade produziu, — incluindo sob o capitalismo, — em forças de guerra e morte. Nossa classe sente na pele, no Brasil e no mundo, essa condição em conflitos brutalmente letais e ultratecnológicos.

Do permanente massacre ao povo palestino, passando pela guerra na Ucrânia, no Congo, no Sudão com a maior crise humanitária do nosso tempo,

aos ataques à Venezuela, ao Irã e Cuba como "questão de tempo".

O ano de 2026 soma cerca de 130 guerras em todo o globo, segundo o Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Na Europa, os imperialistas ingleses, franceses e alemães aumentam seu poder bélico e nuclear, além de acordos militares com os EUA. Essa é a real face do imperialismo e a urgente necessidade da organização independente, internacional e proletária contra a barbárie capitalista.

A falida Nações Unidas, organização burguesa sepultada pelo fim definitivo da ordem de Yalta e Potsdam, aponta para uma crise migratória com mais de 25 milhões de pessoas que tentam sobreviver a estes conflitos.



Evandro Colzani para OCI

Nos EUA, o governo Trump aumenta seus traços bonapartistas atuando com sua polícia assassina, o ICE, contra trabalhadores de todas as nacionalidades, incluindo do próprio país.

Para a juventude trabalhadora e estudantil, é preciso ficar claro que as guerras imperialistas são ataques diretos a toda a humanidade, não apenas aos países diretamente afetados. Significam fechamento de postos de trabalho, inflação, repressão, xenofobia, racismo e retirada dos nossos salários indiretos, os serviços públicos. É a sanha mais brutal e inevitável do capitalismo.

Entretanto, elas não são invencíveis e insuperáveis, pois os povos não só resistem como enfrentam com as ferramentas que dispõe os imperialistas. Assim, a história nos mostra como a guerra imperialista possui um único antídoto: a organização e a luta revolucionária do proletariado, dirigido por sua vanguarda comunista. Foi com esse sentido, que a Comuna de Paris levantou-se com o lema "Estamos aqui pela Humanidade!" barrando a guerra franco-prussiana e estabelecendo o embrião do primeiro Estado operário da história.

Não temos nada mais a perder, a não ser nossos grilhões. Por isso, nossa única saída é golpear a besta imperialista construindo instrumentos independentes de ação!

Participe do Encontro Nacional Fora o Imperialismo e suas guerras, 18/04 em SP e Zoom.

## CONTRA A VIOLÊNCIA ÀS MULHERES: MOBILIZAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E LUTA

I RANNAH BRASIL

A violência contra as mulheres cresce em todo o mundo. Não é um fenômeno isolado, nem fruto de desvios individuais. Ela se desenvolve no mesmo terreno em que prosperam outras formas de brutalidade social: a decomposição das relações sociais sob o capitalismo. Segundo o Atlas da Violência 2025, entre 2013 e 2023 foram registrados 47.463 homicídios de mulheres no Brasil.



Natalia Mororo para Agência Fotoarena

Apenas em 2025, 1.470 mulheres foram assassinadas, cerca de quatro por dia. A barbárie se repete cotidianamente. A violência não se limita aos assassinatos.

Em 2023 foram registrados 275.275 casos de violência contra mulheres, dos quais 64,3% ocorreram no âmbito doméstico. A casa, que deveria representar proteção, converte-se frequentemente no lugar mais perigoso. Em quase 80% dos casos os agressores são homens, geralmente companheiros, ex-companheiros ou familiares.

Esses números não são abstrações estatísticas. Eles se expressam em acontecimentos concretos.

No Afeganistão, o regime do Talibã aprovou novas leis que ampliam o confinamento social das mulheres. No Irã, um bombardeio contra uma escola feminina expôs novamente a vulnerabilidade de meninas e jovens. No Brasil, os casos de violência letal se repetem com regularidade assustadora.

Diante desse quadro, a política dominante oferece sempre a mesma resposta: mais leis, penas mais duras, discursos indignados. Mas a realidade demonstra que o problema não se resolve por decretos. A opressão das mulheres não nasceu nos códigos penais. Ela tem raízes nas relações sociais que acompanham a propriedade privada e a organização histórica da família. Enquanto essas bases persistirem, a igualdade proclamada pelas leis permanecerá limitada e frágil.

A história oferece uma lição clara. Após a Revolução Russa de 1917, o governo soviético aboliu a legislação que subordinava as mulheres. Estabeleceu igualdade jurídica entre homens e mulheres, garantiu direitos parentais iguais e promoveu políticas de socialização do trabalho doméstico, com creches, lavanderias e refeitórios coletivos.

O Departamento de Mulheres do partido organizou campanhas e estruturas de apoio para ampliar a independência econômica feminina. Essas medidas demonstraram uma verdade fundamental: a emancipação das mulheres exige transformações sociais profundas e a intervenção consciente das próprias massas.

Hoje, enfrentar a violência contra as mulheres significa partir das necessidades concretas e levantar reivindicações capazes de mobilizar amplos setores populares. É necessário exigir casas de abrigo para mulheres e crianças vítimas de violência, redes públicas de proteção e comitês de luta contra a violência nos bairros, locais de trabalho e estudo. Nenhuma lei substitui a força organizada da população.

Somente a mobilização independente pode abrir caminho para eliminar as bases sociais que alimentam a violência e construir uma sociedade livre de exploração e opressão.

## A LUTA PELO FIM DA ESCALA 6X1

I LUCY DIAS

A luta pelo fim da escala 6x1 encontra-se em um impasse. À todo custo as direções da CUT, UNE, PT, PSOL etc. buscam levar a luta para dentro do Congresso Nacional podre. Iludem os trabalhadores e jovens afirmando que trata-se de “votar melhor” e canalizam a disposição de luta para o terreno distorcido das eleições e do parlamento.

As mobilizações de rua são convocadas poucos dias antes de acontecer, pelas redes sociais, sem conexão real com os locais de trabalho. Assim, jovens e trabalhadores observam à distância as ações de uma pequena vanguarda que, por mais bem intencionada que seja, termina por substituir performativamente as necessárias ações de mobilização dos trabalhadores, como pirquetes nos locais de trabalho, greves, manifestações de rua etc.

É preciso construir uma saída independente para lutar, ombro a ombro com os trabalhadores, nos locais de trabalho, pelo fim da escala 6x1, 30h semanais e finais de semana livres, sem nenhuma redução nos salários. Trata-se de um embate direto entre capital e trabalho, pelas condições de vida e pela vida além do trabalho. Organize-se!

## 1º DE MAIO: DIA INTERNACIONAL DA CLASSE TRABALHADORA

I CARLOS FONSECA

Em 1º de maio de 1886, em Chicago (EUA), uma massiva greve geral que mobilizou centenas de milhares de trabalhadores pelo estabelecimento da jornada de trabalho de 8h diária, foi brutalmente reprimida pela polícia. Nunca se soube a quantidade de mortos pelos disparos e os líderes do movimento foram presos e condenados à morte.

Dois anos mais tarde, a classe trabalhadora em sua luta contra o capital fundou a Internacional Socialista, e mobilizou, internacionalmente, através de sindicatos e partidos, milhões de trabalhadores.

A Internacional Socialista, herdeira da Associação Internacional do Trabalho em que combateram pelo socialismo científico Marx e Engels, teve como uma de suas primeiras medidas o estabelecimento do 1º de maio, em memória aos trabalhadores de Chicago, como Dia Internacional dos Trabalhadores.

Historicamente, um dia de luta e mobilização e em memória aos que, nessa batalha, tombaram antes de nós. Essa história não está distante, pois ainda hoje os trabalhadores estão enfrentando, no Brasil e no mundo, a exploração do trabalho em jornadas cada vez maiores e mais exaustivas.

Em meio a esse cenário de polarização, ataques de um lado e disposição de luta do outro, a classe trabalhadora encontra no terreno da luta os bloqueios promovidos pelos seus próprios aparelhos sindicais e partidos tradicionais.

Estes vendem a ilusão de que é possível melhorar a vida dos trabalhadores no capitalismo, atuam como um freio no desenvolvimento legítimo da luta.

Greves gerais com prazo determinado, falta de mobilização real na base, desmobilização geral, todo tipo de acordo e conciliação com os patrões é o modus operandi desses laçaios e é o que faz com que o Dia Internacional dos Trabalhadores, de um dia de lutas e mobilizações tenha se tornado um dia de festas, megashows, descaracterizando sua origem e tradição, deseducando a nova geração.

Mas, os aparelhos não são mais fortes que a roda da história. Por isso, a necessidade de lutar da classe trabalhadora, em direção a verdadeiras condições de vida, justiça e dignidade, ou seja, em direção ao socialismo, se impõe.

Essa força é capaz de superar todos os bloqueios e aparelhos contrarrevolucionários e construir as ferramentas necessárias à sua emancipação, o que passa pelas lutas imediatas – como acabar com a escala 6x1 e conquistar a jornada de 30h semanais, com finais de semana livres, sem redução dos salários.

Mas precisa, necessariamente, se desenvolver até as lutas históricas: o fim do sistema de assalariamento, o fim da propriedade privada dos meios de produção e dos Estados nacionais.

- Viva a luta socialista do 1º de Maio!
- Viva a classe trabalhadora internacional!

## SEM ORGANIZAÇÃO NÃO HÁ ROSAS

I ANA OLIANI

Em Pão e Rosas (2000), a forma que rege o filme está diretamente ligada ao conteúdo político. O filme constrói um realismo direto, acompanhando o cotidiano de imigrantes na limpeza de grandes edifícios, evidenciando as condições de exploração da categoria. Há uma diversidade de trabalhadores, sem distinção de etnia, cor ou gênero que escape à exploração diária que compõe os personagens. A organização dos trabalhadores aparece como eixo central da narrativa, mostrando o processo de sindicalização, as dificuldades de mobilização e as contradições internas que atravessam essa luta.

Em uma parte do filme, a decisão da irmã de denunciar a organização não deve ser lida como falha individual, mas como expressão de uma lógica estrutural, como aponta Karl Marx. A precariedade e a concorrência entre os próprios trabalhadores enfraquecem a solidariedade de classe e dificultam a construção de uma ação coletiva. Nesse sentido, o filme evidencia como a consciência de classe não é imediata, sendo atravessada por interesses materiais e pela necessidade de sobrevivência.

O próprio título do filme remete à Greve de Lawrence de 1912, quando trabalhadoras do setor têxtil reivindicavam não apenas salário, mas condições dignas de vida. Ao atualizar essa referência, o filme reafirma a centralidade da organização coletiva como única possibilidade de enfrentamento, bem como uma direção assertiva para mobilizar as massas e atingir os interesses dos trabalhadores.

Mais do que retratar uma realidade, o filme aponta para a necessidade de transformação, fazendo da luta algo concreto e urgente.

